

DESCARTES ESTAVA ERRADO: 'UMA PESSOA É UMA PESSOA ATRAVÉS DE OUTRAS PESSOAS' – Abeba Birhane
por Angelica Rente

De onde vêm as crenças que sustentam as ideologias – inclusive, o pensamento científico? Neste artigo, a psicóloga, filósofa e cientista da cognição Abeba Birhane questiona a visão de ser humano cartesiana, que vem sendo contestada pelas mais recentes pesquisas sobre a cognição e o aprendizado humano, e aponta a relevância dos processos dialógicos na aquisição do conhecimento.

Marc Chagall, Nascimento (1911-1912)

Original em inglês: <https://aeon.co/ideas/descartes-was-wrong-a-person-is-a-person-through-other-persons?platform=hootsuite> Tradução: Angelica Rente (com autorização da autora)

De acordo com a filosofia Ubuntu, que teve origem na África ancestral, um recém-nascido não é uma pessoa. As pessoas nascem sem “ena”, ou personalidade, e devem adquiri-la através das interações e experiências ao longo do tempo. Então, a distinção eu/outro, que é axiomática na filosofia ocidental, é muito mais indefinida no pensamento Ubuntu. Como afirma o filósofo nascido no Quênia John Mbiti em *African Religions and Philosophy* (1975), “Eu sou porque nós somos, e, por sermos, eu, portanto, sou”.

Sabemos através da experiência cotidiana que uma pessoa é parcialmente forjada no cadinho da comunidade. As relações informam o auto-entendimento. Quem eu sou depende de muitos “outros”: minha família, meus amigos, minha cultura, meus colegas de trabalho. O “eu” que eu levo para fazer compras no mercado difere em suas ações, por assim dizer, do “eu” que fala com meu orientador de doutorado. Mesmo as reflexões mais pessoais e privadas estão interligadas com as perspectivas e vozes de pessoas diferentes, sejam as que concordam comigo, as que me criticam ou as que me elogiam.

Ainda assim, a noção de um “eu” flutuante e ambíguo pode ser desconcertante. Nós podemos atribuir este desconforto, em grande parte, a René Descartes. O filósofo francês do século XVII acreditava que o ser humano é, essencialmente, autocontido e autossuficiente: um sujeito inerentemente racional e ligado à mente, que deve dirigir-se ao mundo fora de sua cabeça com ceticismo. Ainda que Descartes não tenha inventado sozinho a mente moderna, ele percorreu um longo caminho definindo seus contornos.

Descartes atribuiu a si mesmo a resolução de um quebra-cabeças muito particular. Ele queria encontrar um ponto de vista estável, a partir do qual pudesse olhar para o mundo sem apoiar-se em sabedorias determinadas por Deus; um lugar do qual ele pudesse discernir as estruturas subjacentes aos fenômenos mutantes da natureza. Mas ele acreditava que havia uma incompatibilidade entre a certeza e um tipo de riqueza social, mundana. A única coisa da qual você pode estar certo é de seu próprio cogito – o fato de que você pensa. Outras pessoas e outras coisas são inerentemente fugazes e erráticas. Então, elas não devem ter nada a ver com a constituição básica do eu que conhece, que é, necessariamente, um todo destacado, coerente e contemplativo.

Poucos filósofos e psicólogos respeitáveis se identificariam como sendo dualistas cartesianos estritos, acreditando que a mente e a matéria estão completamente separados. Mas o cogito cartesiano ainda está em todos os lugares para os quais olhamos. O desenho experimental para a testagem de memória, por exemplo, tende a proceder a partir da suposição de que é possível desenhar uma distinção clara entre o eu e o mundo. Se a memória simplesmente vive dentro do crânio, então é perfeitamente aceitável remover uma pessoa de seu ambiente e relações do cotidiano e testar sua capacidade de lembrança usando cartões ou telas no confinamento artificial de um laboratório. Uma pessoa é considerada uma entidade independente, sem relação com seu entorno, inscrita no cérebro como uma série de processos cognitivos. A memória deve ser simplesmente algo que temos, não algo que fazemos dentro de um certo contexto.

A psicologia social pretende examinar a relação entre cognição e sociedade. Mas, mesmo assim, esta investigação frequentemente presume que o foco real da pesquisa é um coletivo de sujeitos cartesianos, não pessoas que evoluem na companhia uma das outras ao longo do tempo. Em 1960, os psicólogos estadunidenses John Darley e Bibb Latané ficaram interessados no assassinato de Kitty Genovese, uma jovem branca que foi atacada e esfaqueada ao voltar para casa a noite, em Nova York. Várias pessoas testemunharam o crime, mas nenhuma delas se dispôs a preveni-lo. Darley e Latané desenharam uma série de experimentos nos quais simulavam eventos como uma crise epilética ou fumaça saindo da sala ao lado, para observar o que as pessoas fariam. Eles foram os primeiros a identificar o chamado “efeito do espectador”, no qual as pessoas parecem responder mais lentamente ao sofrimento de alguém quando há outras pessoas ao redor.

Darley e Latané sugeriram que isto pode ocorrer devido a uma “difusão de responsabilidade”, na qual a obrigação de reagir é diluída dentre um grupo maior

de pessoas. Mas, como argumentou a psicóloga estadunidense Frances Cherry em *The Stubborn Particulars of Social Psychology: essays on the research process* (1995), esta abordagem numérica apaga informações contextuais vitais que poderiam ajudar na compreensão da motivação real das pessoas. O assassinato de Genovese deve ser visto em um cenário no qual a violência contra a mulher não era levada a sério, diz Cherry, e no qual as pessoas ficavam relutantes em atuarem no que poderia ter sido uma disputa doméstica. Além disso, o assassinato de uma mulher pobre e negra teria atraído muito menos interesse posterior dos meios de comunicação. Mas o foco de Darley e Latané tornam os fatores estruturais muito mais difíceis de serem enxergados.

Há uma maneira de reconciliar estas duas instâncias do eu – a versão relacional, mundana, e a autônoma, interna? O filósofo russo do século XX Mikhail Bakhtin acreditava que a resposta reside no diálogo. Nós precisamos das outras pessoas para que possamos avaliar nossa própria existência e construir uma autoimagem coerente. Pense naquele momento luminoso no qual um poeta captura algo que você sentiu, mas nunca conseguiu articular; ou quando você está lutando para sintetizar seus pensamentos e eles tomam forma na conversa com um amigo. Bakhtin acreditava que é apenas através de um encontro com outras pessoas que nos tornamos capazes de apreciar nossa própria perspectiva única e vemos a nós mesmos como uma entidade plena. Ao “olhar através da tela de outra alma”, ele escreveu, “eu vivifico meu exterior”. O senso de eu e o conhecimento evoluem e são dinâmicos; o eu nunca está terminado – ele é um livro aberto.

Então, a realidade não está simplesmente lá fora, esperando para ser descoberta. “A verdade não nasce e não é encontrada dentro da cabeça de um único indivíduo, mas nasce entre as pessoas que buscam coletivamente por ela, no processo de interação dialógica”, Bakhtin escreveu em *Problemas da Poética de Dostoievsky* (1929). Nada é simplesmente si-mesmo, fora da matriz de relações na qual aparece. Ao contrário, ser é um ato ou evento que deve acontecer no espaço entre o eu e o mundo.

Aceitar que as outras pessoas são vitais para nossa auto-percepção é uma maneira de corrigir as limitações da visão cartesiana. Considere dois diferentes modelos da psicologia infantil. A teoria do desenvolvimento cognitivo de Jean Piaget concebe o crescimento individual de uma forma cartesiana, como reorganização dos processos mentais. A criança em desenvolvimento é apresentada como uma aprendiz solitária – uma cientista inventiva, lutando independentemente para dar sentido ao mundo. Em contraste, as teorias “dialógicas”, trazidas a vida através de experimentos como o “estudo da casa de bonecas”, feito por Lisa Freund em 1990, enfatizam as interações entre crianças

e adultos que podem oferecer um “andaime” para que as primeiras desenvolvam sua compreensão de mundo.

Um exemplo mais trágico pode ser o confinamento solitário em prisões. Esta punição foi originalmente pensada para encorajar a introspecção: fazer com que os pensamentos do prisioneiro se voltassem para dentro, para obriga-lo a refletir sobre seus crimes e, eventualmente, ajuda-lo a retornar à sociedade como um cidadão moralmente limpo. Uma política perfeita para a reforma dos indivíduos cartesianos. Mas, na verdade, estudos sobre este tipo de prisioneiros sugerem que seu senso de eu se dissolve se eles forem punidos desta maneira durante muito tempo. Os prisioneiros tendem a sofrer dificuldades físicas e psicológicas profundas, como confusão, ansiedade, insônia, sentimentos de inadequação e uma percepção distorcida do tempo. Privada do contato e da interação – da perspectiva externa necessária para consumir e sustentar uma autoimagem coerente – uma pessoa se arrisca a desaparecer na não-existência.

Os campos emergentes da cognição incorporada e atuante começaram a levar mais a sério os modelos dialógicos do eu. Mas, na maior parte das vezes, a psicologia científica é muito ávida por adotar os pressupostos cartesianos individualistas que cortam as redes que nos ligam uns aos outros. Há uma frase em zulu, “Umuntu ngumuntu ngabantu” que significa “Uma pessoa é uma pessoa através das outras pessoas”. Na minha opinião, esta é uma afirmação muito melhor e mais rica do que “Penso, logo existo”.